



ESCRITÓRIO  
RUA DO OUVIDOR

02 — ROBAHO — 02

CORTE

Trimestre	5000
Semestre	10000
Anno	20000

PROVINCIAS\*

Semestre	11000
Anno	22000
Avulso	600



A ultima transformação do Dr. Semana

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1898.

Publicamos hoje um desenho, obsequiosamente remetido pelo Sr. guarda-marinha J. C. de Carvalho Filho, que representa a panorâmica da *Lagda Italiana*, e onde se vê no primeiro plano a posição que occupam as duas chafas-bombardeiras *Cucua* e *Rinchnu-lo*, e no segundo uma parte dos nossos entrenchearmentos mais avançados.

Agradecemos de todo o coração ao Sr. Carvalho Filho a mimosa offerta com que se dignou de honrar-nos, e lhe pedimos que continue a favorecer-nos com seu valioso auxilio.

Até que a final fui ver a *Aimée* do Gymnasio. Queita me conhece e sabe que sou um tanto difficil de contentar em materia artistico-theatral, ha de exclamar logo que ler o introito deste artigo: — «Arreda! que ali vem metralha grossa!»

Pois não, senhor! Vi e não desgostei. Lá dizor que saí do theatro apaixonado, isso não posso (e aqui entre parenthesis deixem-me confessar que não ha Aimée como a verdadeira, a do Alcazar.) Porém fallemos da arte em si, e não das Vestaes que lhe alimentam a sagrada chamma.

A *Aimée* ou o *Assassino por amor* foi posta em scena com bastante criterio. O desempenho é discreto e igual; os trajes apropriados, menos no que respeita á guardadeira de cabras, que se apresenta demasiado entia; a scenographia regular, se bem que baja no ultimo acto umas navenzinhas de salto hespanhol bem pouco vaporosas; mas o Sr. Giacomo, que aliás tem incontestavel merecimento, não conhece outras nuvens.

O drama é escripto em linguagem vigorosa e concisa; não tem um só monologo, um só dialogo, uma só descripção, um só aparte inúteis e que afadiguem o publico. A acção corre veloz e sem solavancos; e, quando o passo desce, depois do quinto acto, o espectador enxuga o pranto, tira do bolso o relógio e murmura attonito: — «Está parado! Não podem ser só dez horas da noite!» — por lhe parecer impossível que em duas horas se desdasse tão intrincada meada.

Por ser excessivamente rapida sua acção e por fazer chorar muito, bem se poderia alcançar o drama em questão — um foguete... de lagrimas!

O unico *bonito* da *Aimée* ou o *Assassino por amor* é a base em que se estriba o entreecho; aceita ella, tudo o mais se desliza suavemente. E, já que estou em maré de elogios, termino dando meus emboiras á Sra. Ismenia por ter... engordado tanto.

O *Cuninho do mal*, em ensaios no Gymnasio, é composition de Briscabarre e Nus, e tem nada menos de oito actos! Mas o Sr. Furtado Coelho promette fornecer canas aos espectadores.

O drama não é novo; foi representado em Paris ha onze annos, sob o titulo de — *La route de Bresl*. Li-o ha tempo. Se bem me recordo, é uma especie de — *Sete degrados do crime*.

Já agora não me retiro da arena theatral, sem declarar que a companhia que, sob a denominação de Phenix Dramatica, trabalha no Eldorado, ensua actualmente um drama original brasileiro, *Os anjos do fogo*, que me asseguram ser muito bonito.

Vá o publico fulgar-o por si mesmo.

Ha dias ouvi este dialogo:

*Devedor*. — Isto é abusar demais. Pago-lhé 100\$000, e o senhor passa-me um recibo de 10\$000?

*Credor*. — Desculpe; foi engano.

*Devedor*. — Qual engano! Isto não se faz!

*Credor*. — Está bem! Não vale a pena zangar-se comigo por uma questão de nada.

NOTA. — Desconfiem dos credores que fazem *calem-bourgs*.

Installou-se ha dias nesta corte uma sociedade sob a denominação de — *Arcadia Musical* —

Tem por fim o cultivo da musica vocal e instrumental por meio de aulas regulares e de sarões musicaes.

Propõe-se além disso a ministrar diariamente aos socios as distrações, que costumam fazer parte de todas as reuniões deste genero.

Os elementos de que a nova sociedade dispõe, justos á boa vontade do que se acham possuidos todos os socios fundadores, são auspicio certo de prospera carreira. Policiando os promotores da fundação da — *Arcadia Musical* — a *Vida Fluminense* deseja sinceramente que possam levar por diante a tarefa, que se impuzeram.

Os homens conhecem-se pelos bolsos.

Examinem-os e verho como são distinctos dos outros.

O bolso do capitalista contém: muito dinheiro, alguns bilhetes de beneficio, um cartao de visita de Mlle. X. e uma cartinha perfumada para Mlle. Y.

O do negociante apertado: muito pouco dinheiro,

papel sellado, alguns recibos e uma brochura do Codigno do Commercio.

O do dandy: muita conta por pagar, um par de luvas de pelica, alguns charutos, uma madeixa de cabelos, meia duzia de cartas amorosas e uma fivela cahida da botina da Aimée.

O do poeta: uma ponta de charuto, rimas soltas, um artigo humorístico, uma flor murcha, um jornal velho, e varias outras miudezas.

O do medico: um estojo cirurgico e umas circulares pedindo votos para a municipal.

O do usurario: muita citação, muito embargo, muita penhora, muito despejo (sem malicia).

O do empregado publico: pouco dinheiro, alguns biscoitos, um masso de cigarros e diversos vales.

O do homem casado: uma lista dos mantimentos precisos para casa, umas amostras de chitas e cassas, diversas medidas de sapatos pequenos e grandes e mais isto! e mais aquillo! e mais aquillo! outro!!!!...

Fica o leitor encarregado de completar esta lista.

..

Com a publicação do soneto infra, só pretendo provar que nossos bravos soldados, apesar dos mil perigos e privações que soffrem, nunca se esquecem de rir e cantar. Os versos foram feitos nos invios sertões de Mato-Grosso. Em Coxim inspirou-se o poeta, em Coxim, onde pouco antes chegara, algombrado de cansaço, torturado pela fome, martyrisado no corpo e a alma pelas dores que soffria e pelas que via prostrar seus companheiros de glorias e de desgraça!

Como pôde resistir o esto a tão crua provações? Como pôde a inspiração correr trefega e alegre sobre uma verdade tão alucinada de amarguras?

Explique-o quem puder. Eu não explico; admiro o lamento que o bardo se occultasse por trás de uma simples inicial.

Ahi vai a poesia:

SONETO.

Hontem sonhei. Que sonho deslumbrante!  
Sonhei coisa melhor que o paraíso,  
Melhor que da donzella o noivo riso,  
Melhor que o doce beijo d'uma amante.

O sonho meu não ha, não ha quem cante,  
Venha embora o poeta de mais siso!  
Que do sepulchro se ergam autoris  
Shakespeare e Claudon, Petrarca e Dante!

Desperdei!... Oh! que sorte maldadada!  
Tão cedo se findará a dita minha,  
Qual estrella a meus olhos desmaldada.

O coitado que triste aqui definha,  
A comer só churrasco—sem mais nada,  
Sonhou que tinha um prato de farinha!

D.

Coxim, 20 de Dezembro de 1866.

..

#### PERGUNTAS ENIGMATICAS.

Qual é o nome proprio do homem que começa na panela e acaba no espaço?

Quaes são os dous sentimentos agradaveis que renbidos desagradam?

Em que é que certos instrumentos se parecem com a agua corrente?

..

#### UM CONSELHO

N'uma quadra tão calamitosa creio prestar relevante serviço á humanidade, indicando um meio infallivel de fazer economia.

Ahi vai elle. Admirem-se; pasmem e comecem desde já angariando donativos para a confecção da minha estatua, que deve ser erguida n'uma das principaes praças do Rio de Janeiro, na do Mercado, por exemplo.

A idéa não é toda minha; a applicação sim. Foi um caso succedido não ha muitos mezes em pleno carnaval. Contaram-m'o: não faço mais do que reproduzilo com descoradas phrases, respeitando, quanto em minhas forças cabe, a verdade e moralidade do conto.

Se dão licença, eu começo:

#### PROLOGO

Guisos, fitas, plumas, campainhas, flores, velludos, gritos, chitas, berros, sedas, pulos, lutejoulas, nobrezas, empurções, penmoxos, cotyrios, damascos, quedas, risadas... era um verdadeiro inferno á porta do Theatro Lyrico na noite do ultimo baile mascarado.

Um *chicard*, de braço com uma *pierrrette*, aproximase do bilheteiro. A mão do povo era tal que ninguém se podia mexer; mas á força de muita colovelada chegou o diletto par a pequena distancia do Chloante, que the devia dar bilhete de passagem para o Averno carnavalesco.

Um guarda urbano ponderou se *chicard* que não devia atropelar os outros.

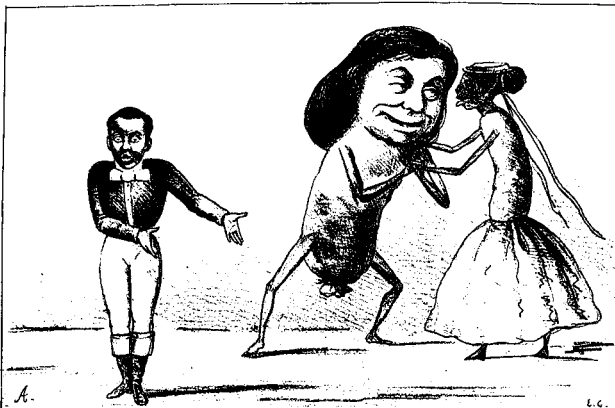
— Quero comprar bilhetes de entrada.

— Espere que chegue sua vez; não seja imprudente. Boca que tal disseste?... *Zás!* e o guarda urbano rolou no chão, impellido por uma rasteira que the deu o *chicard*.

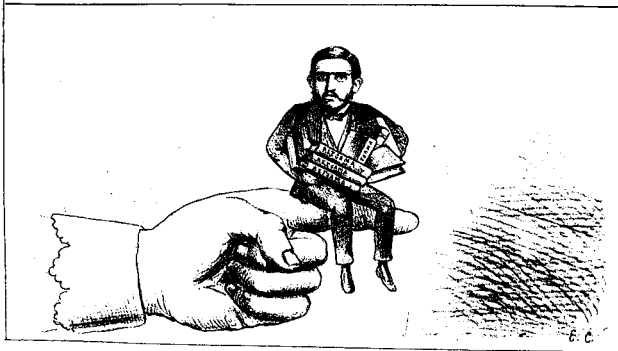
— Está preso! bradou o official de urbs mos.

*Zás!* segunda rasteira fez o official deitar-se a fio comprido sobre o guarda. Acudiram outros sustentos—

(Continúa na pagina 298.)



— Ora, façam-me o favor de dizer se isto não é uma vergonha! Nhonhô feito paio para agradar a uma salchicha! Que pensão as famílias, Santo Deus?! E depois sustentam que eu é que sou o moleque!.... Eu, que quando vejo estas cousas sinto subir-me o rubor às faces!....



**Chegou da Europa!**

E a *Vida Fluminense* tem a honra de apresentá-lo ao respeitável publico, e annunciar que veio cheio de saúde.... e de reformas, cada qual mais importante.

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEIAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amédée Achard.

## SEGUNDA PARTE.

## CAPITULO XXVI

(Continuação)

2000 FRANCO

Quando chegou o momento de apresentar-se à sua noiva, João de Werth foi procurar o Sr. De Pardailhan, que o conduziu diante da Sra. de Souvigny. Souu a primeira badalada de meio dia. João de Werth inclinou-se e estendeu a mão:

— Ainda não! exclamou Diana, que, inclinada para diante, com um gesto impudica silêncio a todos.

— Começava-se a ouvir na rua um ruído incompreensível; a grande porta da casa gyrou sobre seus quiclos; ouviu-se no pátio de entrada um tumulto extraordinário, que pouco a pouco se aproximava: e logo após a voz sonora de um esquireiro gritou: — « O rei! » A porta da galeria abriu-se de par em par; e Gustavo Adolpho appareceu, tendo ao seu lado o Sr. De La Guerche.

— O barão empalideceu.  
Vendo Armando, Adrianna deu um grande grito e correu para elle, exclamando:

— Ah! não me accuses! Elle salvou-te!

O olhar de Armando encontrou o de João de Werth.

— Elle! Oh! já em tudo isto uma trama horrivel, cujo segredo não posso devarassar.... mas, mereço de Deus, cheguei a tempo!

João de Werth estava cada vez mais pallido: comprehendia que tudo estava perdido, porém seu orgulho não se dobrava.

Adrianna disse a Armando:

— Quando me disseram que iam morrer, quasi enlouqueci! Estava a meu lado um homem que disse que te salvaria; contanto que eu jurasse ser sua mulher.... Lutei... muito! mas o receio de ver-te subir os degrãos do cadafalso.... Eu já tinha implorado em vão teu perdo! O que se passou depois, não sei; sei sómente que este homem veio dizer-me que, graças aos seus esforços, estavas livre da morte.... e eu havia prometido ser sua. Porém, juro-te que logo que salisste da altar, eu seria conduzida para o túmulo.

— Ah, infame! bradou Armando, abraçando Adrianna e fitando o barão com despreso.

— Este homem mentiu! disse então o rei.

João de Werth quiz adiantar-se. Gustavo Adolpho conteve-o com o olhar e proseguio:

— Sorprende-me, Sr. barão, encontrar aqui o embaixador de Sua Magestade o Imperador d'Allemanha,

a quem declarei que nada mais tinha a fazer na Suecia. A guerra está declarada, senhor; volte, pois, para sua patria e já! Creio que João de Werth não ousará sustentar diante de mim que cooperou, nem do leva, para a salvação de Armando.

E, sem fazer mais caso do barão, o rei voltou-se para Adrianna, a quem disse:

— Minha senhora, nada deve a João de Werth. Sua mão está livre de qualquer compromisso.

— Live! Live! bradou ella.

O barão, dirigindo-se ao Sr. De Pardailhan, perguntou-lhe com flegma:

— E sua palavra tambem está, Sr. Marquez? Julga-se acaso tambem livre do juramento prestado, quando o arrastei das garras da morte?

Ouvindo estas palavras o Sr. De Pardailhan estremeceu, mas respondeu com calma:

— Ainda não tem motivos para duvidar de mim, Sr. barão.

Adrianna, porém, tinha recuperado todo o sangue-frio e coragem.

— Não será verdade (perguntou ella) que, sendo maior, posso livremente dispor da minha mão?

— E' verdade, responderam a um tempo o rei e o Marquez.

— Nesse caso, toda receio, meus amigos. Eu esperarei, e se o Sr. De La Guerche for tão constante como eu, daqui a dois annos estaremos unidos.

— Bem! exclamou Diana.

— Dois annos! É mais do que o tempo preciso para vencer a Suecia. Eu tambem esperarei! disse João de Werth.

O rei e Armando ficaram fúlvos de colera e barão; mas este sem abaixar os olhos, e batendo nos copos da espada, onde se via ainda pendente a roseia, bradou para Adrianna, proseguio com arrogancia:

— Quanto a vós, Sr. De La Guerche, procedei como gentil cavalheiro!! Vinde tirar daqui este penhor de vossa amada. Vinde! e, se o conseguirdes, desampnhareis o Sr. Marquez do seu compromisso!

— Ah! prefiro isto! respondeu Armando. Então Sr. barão, jura que o Sr. De Pardailhan ficará desbringuendo da palavra que lhe deu desde o momento em que eu lhe arrancar d'ali essa roseia.

— Juro, e dou como testemunho esta lava que atiro a seus pés.

— Guerra, pois, e guerra implacavel! bradou Armando erguendo a lava.

— Quanto a vós, oh rei da Suecia, encontrar-nos-hemos no campo do batalha. Até á vista! exclamou o barão, retirando-se tranquillo, altivo e com a mão nos copos da espada.

## CAPÍTULO XXVII.

A VOLTADA DO FILHO PRIMEIRO.

Na época em que isto acontecia toda a Europa estava em chulicção. Corria a primavera de 1830. A reforma pregada por Lutero, e mais tarde por Calvino, tinha precipitado a dissolução da sociedade catholica da media idade. Alguns soberanos aproveitaram-se da occasião para quebrar as cadeias que os prendiam á corte de Roma e se apoderaram dos bens que pertenciam ás abbadias, conventos e bisposados. Para os povos era um incentivo para a revolta. Porém o mesmo perigo que ameaçava o poder da igreja, ameaçava a purpura dos reis; com a desercção da infallibilidade da igreja surgia a desobediência contra a tyrania dos príncipes. Em França, nos Paizes Baixos, na Alemanha, na Polonia, na Hungria, por toda parte ardia o facho da guerra cada vez mais devorador; desde o Báltico até o Po! Fernando contra Frederico, o eleito do Saxe contra o de Brandeburgo, a Austria contra a Polonia, a Dinamarca contra o Imperio, e, no meio das provincias camargadas, appareciam chefes terriveis como Mansfeld, Christiano de Brunswick, Pilly, Torquato Conti, Wallenstein ameaçando por toda a parte suas rapinas, tão nocivas aos seus partidarios, quanto aos seus inimigos.

Brigava-se em todos os povoados, mas não se sabia ainda que aquella guerra tinha de ser a famosa guerra de trinta annos, que como um turbilhão arrastou com sigro nas maiores potencias do continente. Tinha soado a hora em que a Suecia protestante devia medir suas forças com Fernando d'Austria e Maximiliano da Baviera.

A Europa tinha os olhos fixos em Gustavo Adolpho. As boas qualidades de que dera provas logo que succedeu a seu pae, Carlos IX, as guerras felizes que sustentara contra seu tio Sigismundo, rei da Polonia, sua coragem cavalleiresca, sua constancia á fé jurada, a habilidade que desenvoltura na administração de seu reino, tudo concorria para fazer dello o soberano mais notavel do velho continente. Gustavo Adolpho tinha na idade em que se concebem as maiores emprezas o em que se tem mais energia para executá-las. Demais contava com o amor de seus subditos, com o respeito dos nobres e dos generaes, e com a dedicação de ministros esqurimentados, entre os quaes occupava o primeiro lugar o Chanceler Oxensterna. Tinha finalmente as finanças em bom ordem, uma esquadra numerosa, e um exercito aguerrido e affeito a vencer.

Richelieu o conhecia, o Imperador Fernando o temia. Quando verificou que se achava preparado para entrar na lista, Gustavo Adolpho confiou no sendo

sua filha Christina e as rodens do governo, e declarou que partir para a Allmanhu, onde o chamava a necessidade de defender sua coroa e de proteger os principes reformados.

Estava, então, o exército acampado em Elfsnabe. Mil aclamações saudaram o rei no momento em que passava revista no meio de seus fieis e melhores generaes, aquellos mesmos que já tantas vezes haviam derramado seu sangue nos campos de batalha.

Entre os soldados de Gustavo Adolpho havia muitos francezes: eram pela maior parte calvinistas, que não tinham querido dobrar-se ao jugo de Richelieu. Esses formavam um grupo á parte, temivis pelo valor, e mais empenhados de travar a lucta, porque eram fidalgos que tinham de reconquistar a patria.

Entre elles achava-se Armando.

Os francezes, alistados nas fileiras suecas, tinham projectado formar um esquadro de cavallaria ligera e de drugges que marchariam na vanguarda do exercito, para serem os primeiros a ferir batalha. Na mesma occasião resolveram que o commando d'este corpo de cavallaria seria dado áquelle que o suffragio de seus camaradas designasse como o mais bravo.

Por deferencia pelos nomes e desgraças daquelle punhado de bravos, o rei consentio que elegessem seu chefe.

Quando se reuniram n'uma vasta sala para deliberar, um cavalleiro, que ninguém tinha até então visto, mas que pela falta se conhecia ser francez, entrou e tomou assento. Seus trajes empoirados e safados indicavam que acabava de fazer comprida jornada; suas armas, porém, estavam em bom estado. O porte e ademanos eram de um fidalgo.

Tinhm-se já apresentado diversos nomes, todos recommendaveis pela fama, mas nada se havia ainda decidido. O homem de vestimenta empoirada levantou-se e disse:

— Ha um meio de chegarmos a um accordo e esse é não escolhermos nenhum dos nomes apontados.

— Que vejo! Reinaldo aqui! murmurou Armando, que até então não tinha reparado no recém-chegado.

— Mas, quem escolheremos então? perguntaram diversos vozes.

— Aquelle que alli está e que com o gesto quer impôr-me silencio; o conde Armando De La Guerche!

Esta idéa foi acollida com enthusiasmo. A lembrança do que Armando havia feito no cerco da Rochela estava bem patente no animo de todos os circunstantes. Um só inconveniente parecia haver para tal nomeação, e esse era a pouca idade de Armando. Os mais velhos não sabiam se sua prudencia corria parellhas com seu denodo.

— Onde aprendeu elle a comandar? perguntou um huguenote da rosto cicatrizado.

— Aprendeu a vencer! exclamou Reinaldo, meio encolerisado.

Esta resposta produziu viva sensação. Reinaldo aproveitando-se da emoção que ella excitara, subiu em um banco e proseguiu em alta voz:

— Disse que sabia vencer, porque vio-o muitas vezes na luta, porque quebrei triunfa e tantas espadas contra a delle sem nunca poder lisonjear-me com uma victoria! E o que não consigo, de-aíto ao mais valente que o consiga.

Tal audacia promoveu a admiração de uns e a colera de outros. Era uma questão de temperamento.

— Ora queira dizer-nos como se chamam sua senhoria! disse um dos descontentes.

— Santo Deus! Vai fazer-se matar! pensou Armando, que se poz a pulsar por cima dos bancos para aproximar-se de Reinaldo e defendel-o, caso fosse agredido.

— Minha senhoria chama-se o marquez Reinaldo de Chanfontaine, para servir-o.

Houve grande murmúrio na assembléa, depois romperam gritos de todos os lados.

— E' um catholico!

— Um inimigo!

— Um endemoninhado ligeiro!

— Combatem na Rochela entre os soldados de Richelieu!

Taes eram os brados que soavam. E logo uma porção de lanças brillaram meio desembainhadas. Armando, que conhecia o genio impetuoso de seu amigo julgou que tudo estava perdido. Porém grande foi seu pasmo, quando vio Reinaldo, cheio de calma, fazer com a mão o gesto de querer fallar. E tal era o sangue frio, que mostrava, que todos se enluram.

Reinaldo disse:

— Sou catholico, não o nego; combati na Rochela entre os fidalgos do cardinal de Richelieu, confesso. Estou portanto entre vós como uma ovelha sacrificada no meio de um rebanho sem macula. Mas, que tem isso? Não é de mim que se trata. Remiste-vos aqui para escolher um chefe. Escolhei-o, pois, em primeiro lugar; depois massacrai-me, se quizerdes... só o que vos peço é que me deis licença para me defender um pouquinho.

Os huguenotes não puderam deixar de rir, ouvindo este flual de discurso e no mesmo instante todas as espadas desappareceram nas bainhas.

— Esperei! ainda não acabei! proseguiu Reinaldo. Tenho ainda algumas palavras a dizer em favor do meu candidato. O Sr. De La Guerche é de tal natureza, que, apesar de ser huguenote, foi escolhido pelo car-

deal de Richelieu para ser portador de uma mensagem dirigida ao rei Gustavo Adolpho, mensagem que fará com que a França seja aliada da Suecia. Que meu amigo me desminta, se for capaz... Vede! Elle calla-se; que mais quereis?

Ouvio-se na assembléa um murmúrio de approvação.

— Senhores!... começou a dizer Reinaldo.

— Silencio! Quem está com a palavra sou eu! proseguiu Reinaldo. Com que direito quereis oppor-te á livre manifestação de minhas opiniões? E ora insisto neste topico, meus senhores, porque faço empenho de saber sob as ordens de quem vou combater.

Desta vez foi um gesto de surpresa que respondeu ás palavras de Reinaldo, que continuou:

— Eu me explico melhor. Por muito que eu seja catholico desde a cabeça até os pés, nem por isso deixo de ser francez desde os pés até á cabeça. Ora a França é aliada da Suecia nesta guerra, e tanto basta para que me aliaste em vossos illudras. Agora, peço vossa amizade; finda a guerra, se alguns de vós quizerdes ajustar contas commigo, Santa Estocanda hade proteger-me, por ser minha padroeira. Dito isto, quereis que eu seja dos vossos?

— Sim! Sim! bradaram todos.

— Então, voto pelo Sr. De La Guerche, e quem fór como eu siga meu exemplo!

No mesmo momento foi Armando proclamado chefe do esquadra dos huguenotes francezes.

— Então, não me abraças, meu capitão? disse Reinaldo, apertando nos braços seu amigo.

#### CAPITULO XXVIII.

##### CONFUSÃO E PERIGOS IMINENTES.

Momentos depois estavam sentados Armando e Reinaldo na mesma barraca, diante de um presunto e dons frascos de vinhos francezes, quando ouviram um gemido do lado da porta. Era Carquefou, que entrou mais magro e mais cooprado do que no tempo em que guerreava contra os lobos.

— Coitado! Já nem me lembrava delle! exclamou Reinaldo. Como estás, Carquefou?

— Creio que já morri, senhor marquez. Na estalagem em que fiquei lavia mais salteadores do que frangos assados. Que fome soffri! Nem sei como pude safar-me de lá...

A vista do presunto e de um pato selvagem que Magnus trouxe em um prato fumegante fez sorrir Carquefou, que disse lambendo os beiços:

— Começo a sentir-me muito melhor!

Armando disse a Magnus, mostrando Carquefou:

— Recomendando-te este rapaz.

— Coitado! Vá lá que não o desanquem! acrescentou Reinaldo.

— Fiquem tranquillós. Ponha-o debaixo da pro-

teção de Durindana! respondeu Magnus salindo com Carquefou.

Armando perguntou ao seu amigo:

— Não me explicarás tu como é que te achas na Suécia, em vez de estares no castello de Mircval?

— Ah, meu caro! Faço justiça a Clotilde declarando que ella auxiliou-me deveras na penitencia que me impuz. Porém, que queres? veio um tio velho e rheumatico fallar-me em casamento! Sufia! Uma penitencia perpetua pareceu-me excessiva, pelo que encaminhei-me logo para Paris, onde fui muito bem recebido na corte; mas, avalia minha desgraça! a lembrança de Diana de Pardallan perseguia-me dia e noite. Para combatel-a...

— Empregaste os jejuns e macerações.

— Tal qual, meu herge! Os jejuns, as macerações e os olhos verdes da Senhora de Sártilles.

— Ah, olhos verdes!

— Da certo; é conveniente mortificar o corpo com indigências: já tinha conhecido olhos pretos, pardos e azues; faltavam-me os verdes. Agora, era o seu nome, teve piedade do meu martyrio. Esta nova penitencia durou quinze dias. Salindo de Paris, fui para Bruxellas, onde fiz todo o possível para esquecer Diana, pondo-me de joelhos horas escuras nos pés de Gretchen. Sempre em vão! Em Flandres e nos Paizes Baixos continuei minhas penitencias, sem melhor resultado. Uma força invencivel impel-

lia-me sempre para o norte. Cheguei a Dinamarca, onde o archede da guerra incendiava tudo! O cheiro da pólvora tinha-me retemperado o coração, a noticia de estar Gustavo Adolpho reunindo tropas para entrar na lucta acabou minha cura. Raporei o cavallo, embarquei-me em Hamburgo e aqui estou.

— Toma cuidado! Diana não te esqueceu!

— Ah! isto seria o cumulo da desgraça! exclamou com alegria Reinaldo.

Shanfontaine nunca havia confessado seu amor a Diana. Porém ella tinha logo adivinhado que sentimento inspirava a Reinaldo, mesmo antes que elle tivesse consciencia do que sentia. O que mais agradava a filha do Sr. de Pardallan era o acanhamento, um certo ar modesto que descobria no intrepido soldado; e que attribuia ao escrupulo de um coração leal. Reinaldo era pobre; ella uma das mais ricas herdeiras da Suécia. Não obstante elle nunca procurou surprehender seu coração, nunca proferio uma lisonja diante de seu pai; pelo contrario, era sempre reservado, por vezes mesmo alivo. Tudo isto, em vez de desagradar, agraçou a sympathia de Diana, que o considerou desde logo uma alma elevada.

Por sua parte, e sem precisar fallar, deu Diana a conhecer qual era o caminho que devia trilhar para alcançar sua mão. Reinaldo devia occultar o seu amor e assignalar-se por algum feito estrondoso.

(Continua.)

## O ESTABELECIMENTO LITHOGRAPHICO

DA

## VIDA FLUMINENSE

52 RUA DO OUVIDOR 52

SOBRADO

ENCARREGA-SE DE FAZER

RETRATOS

Mapas  
Apelidos  
Autographos

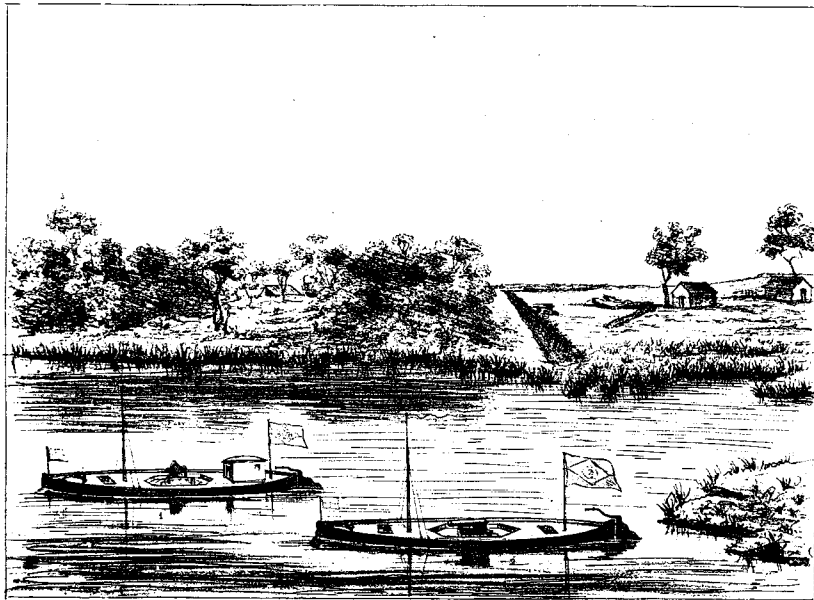
Facturas  
Letras  
Circulars

BILHETES DE VISITA

COM ESTILO E BREVIDADE

PREÇOS MODICOS





Guerra do Paraguay.

Vista de uma parte da Lagoa  
fortificações avançadas do 2.  
N. 1—Chata Curucas, 60  
N. 2—Chata Riachuelo  
N. 3—Mangruiho de

fundeadas as chatas-bombardoiras Curucas e Riachuelo, e da esquerda das

Carvalho.  
ntonio de S. Fróes Junior.  
imigo em Humaitá.

dores da ordem publica e o *chicard* foi conduzido para o xadrez da policia.

1.<sup>o</sup> ACTO.

(*Monologo do chicard.*)

Oh, é uma infancia! Prender um cidadão um noite do ultimo baile mascarado! E porque? Por nada; por que ha urbanos que não são urbanos, que provocam quem vai passando tranquillamente, e que no fim de contas cabem por terra como folhas secas em dia ventoso! Oh, mas não hei de ficar aqui toda a vida! E logo que saia... verão como quantos paus se faz uma canoa. (*Breve silencio*) São dez horas da noite! E' agora que começa a ficar animado o baile. Os mascarados cruzam-se em todos os sentidos! A orchestra dá o signal da 3.<sup>a</sup> quadrilha! Que animação! Que alegria! Que turba-mulha!... E eu aqui... só... triste... furioso! Ah, como vou vingar-me amanhã! Meu braço não descansará enquanto não der cabo de vinte urbanos... pelo menos!...

2.<sup>o</sup> ACTO.

(*Continua o monologo.*)

São meia noite! O bojo do theatro Lyrico deve estar agitado de gente! Como se divertem todos elles, enquanto que eu... oh, raiva!... E ellas, ellas sobretudo como devem estar satisfeitas, alegres, arrebatadoras. A esta hora o calor, o cansaço e o Champagne devem tingir-lhes as faces de carmin. A esta hora tudo é vida, delirio!... Agora me lembro... que fim levaria Rosinha? Foi commigo; separaram-nos! Que terá acontecido, coitada! Ella gosta tanto de sorvetes, de sandwichs, de vinho do Rheu e de vales a tres tempos; e naturalmente ha de estar com fome, com sede, com vontade de dançar sem ter um cavalheiro sequer! Siciatos urbanos! Mas que ouço? O som de um apito! E' a quadrilha que vai começar. Illustro! E' uma patrulha que passa...

3.<sup>o</sup> ACTO.

(*Continua monologo.*)

Duas horas da madrugada! O contentamento geral chegou ao seu auge! Que estridulos guinadas de riso! Que canção desenfreado!... Que!... E eu entre estas quatro sombrias paredes, aborrecido, desesperado, tendo entretanto a carteira cheia do dinheiro. Como é horrivel ter a gente dinheiro e não poder divertir-se! Saí de casa com duzentos mil réis; tencionava andar de carro, dançar muito, beber ainda mais, e depois ir ceiar no hotel, e inundar Rosinha de Champagne e de tudo o mais que lhe apeteceesse. E vo entanto, tenho o estomago a dar horas, e nem uma codoca de pão para roer! Qual! vinte urbanos é pouco! Hei de matar todos os que existem e que existirem nestes dez annos mais proximos.

4.<sup>o</sup> ACTO.

(*A's quatro horas da manhã.*).

(*Scena dividida pelo meio; de um lado o Chicard só, do outro a Pierrette em companhia de um princez.*).

*Chicard:* Como estão mondados os dous!

*Princez:* Vem, Rosinha; quem se arrisca a amar, arrisca-se a padecer!

*Rosinha:* Sim, meu bensinho! Sabes que és meu unico amor, e que por ti soffro com prazer as maiores torturas.

*Princez:* Prenderam-nos Atá! Que mal fizemos nós? Só porque demos uns piparotesinhos naquella sujeito do nariz vermelho, que nos bifeu o copo de puraty.

*Chicard:* Ella bebe aguardente e eu ia pagar-lhe champagne! Como sou paio!

*Princez:* Mas quem foi que te pagou esta roupa tão bonita?... Rosinha, já vejo que tenho um rival!... Confessa que o amas; anda, confessa, Ro... Ro... osinha!

*Rosinha:* Qual! Quem me deu esta roupa é um toleiro; mas tem dinheiro. O que eu queria era... surripiar-lhe os cöbres e com elles... pagar-te á ceia.

*Princez:* Deveras!... Bem... lembrado... Hasde fazer... isto... no anno que...

(*Rosinha e o Princez, muito ébrios, ferraram no somno.*).

*Chicard:* E então? Ora vejam com quem ia eu gastar o meu dinheiro. Louvado sejam os urbanos que não me deixaram calhar na esparrela!

5.<sup>o</sup> ACTO.

(*Dialogo entre o Chicard e o urbano que o conduziu na véspera ao xadrez.*).

*Urbano:* V. S. pôde sair e ir para sua casa. Está solto.

*Chicard:* Já?... Ora, gopera. Creio que foste tu mesmo que me prendeste hontem.

*Urbano:* Sim, senhor! porém não me queira mal; bem sabe que temos ordens a cumprir...

*Chicard:* Querer-te mal? pelo contrario. Dou-te 10\$ para bebares uma garrafa de vinho á minha saude, com a condicao de que sempre que eu quizer entrar num baile mascarado, hasde chamar-me de imprudente como hontem...

*Urbano:* Mas...

*Chicard:*... para que eu possa, em vez de uma, dar-te meia dúzia de rasteiras.

*Urbano:* Porém...

*Chicard:* Que queres, meu amigo? Só assim poderei fazer economias uma vez no anno!

## MORALIDADE.

Quem quizer economisar, procure um urbano, e... zás!... Tal é o conselho que dá o reverendo servo

A. DE O.

## VARIEDADE

A PROPÓSITO DO FINADO POETA  
BAHIANO

## FRANCISCO MUNIZ BARRETO

Haverá cerca de dez annos achava-se de passagem na Bahia uma cantora italiana, calorosamente festejada pelo mundo elegante da segunda cidade do Imperio.

Cultor sincero de todos quantos se distinguiram pelo vigor da intelligencia, Francisco Muniz Barreto fora um dos primeiros a saudar em brilhantes improvisos a artista reconhecida.

Os que eram admittidos á convivência do distincto poeta conheciam por demais o desembaraço com que elle improvisava rapidamente qualquer trecho poetico de singular belleza: alguns havia porém que lhe negavam a facilidade do improviso.

Um pequeno grupo de estudantes da academia de medicina pertencia no numero dos incredulos, e desejava achar occasião de julgar por si se era justa a reputação de improvisador, concedida ao poeta bahiano.

Não se fez esperar o ensejo.

Dahi a dias a cantora italiana devia participar num concerto, promovido pela generosidade de alguns cavalheiros, em favor da familia de um desventurado pianoteux, que victima da febre amarella, viera longe da patria exalar o ultimo suspiro no solo americano.

Sabiam os estudantes que não era Muniz Barreto homem capaz de faltar a qualquer festa desta natureza; e de tal sorte contavam com a sua presença que se apresentaram no theatro dispostos a desafiar a inspiração do poeta por forma a não lhes deixar duvidas sobre a destreza do seu genio improvisador.

Aproveitando o momento em que o entusiasmo produzido pela voz da *prima-donna* se convertera em vehementes ovações, um desses moços, aproximando-se do poeta, disse-lhe:

« Si tu cco se canta assim

A morte não mette medo »

Muniz Barreto levantou-se; olhou altivamente para o estudante; pousou-lhe a mão no hombro com certa familiaridade ironica, e dirigio-lhe apenas estas palavras: « Não vai sem resposta, meu doutor. »

Seguiu-se profundo silencio.

O poeta pensou por alguns segundos e proferio em seguida os versos que ali transcrevo:

Toméra que um Sempálm

Me veulm em sonhos dizer

« Se no cco se canta assim. »

Agostini, quanto a mim,  
Deixando do mundo o enredo  
No cco se vai, tarde ou cedo  
Gozar essa tua voz;  
E sendo assim para nós  
« A morte não mette medo. »

Quando a ultima syllaba lhe morreu nos labios, applausos delirantes echouam em toda a sala, e o poeta e a artista dividiram entre si as grinaldas emmurchecíveis que de todos os lados o entusiasmo publico lhes offercia.

São ainda improvisos do vate bahiano os sonetos abaixo transcriptos, que hoje vem a luz da publicidade.

Não é só o teu canto sobrehumano  
Que enthusiamos no poeta accendo;  
Não nos captiva só, não só nos rende  
Teu magestoso ar, teu mole urbano.

Predicado melhor, mais soberano,  
Teus meritos, Rachel, exalta, estende;  
Para teu mór braço, em ti se prende  
Alma de artista a coração romano.

Mulher! quando em vivissimo transporte  
Suspirar pela patria liberdade  
Te ouço e lamentar dos teus a sorte,

« Roma! Roma! (tu exclamo) á magestade  
Do teu solo não soffre inteira morte »  
R tu, mulher, quem és? Tu és deidade.

Quem da sua arte pela esphera addêja  
Desprendendo immortaes vãos divinos  
Da palma ingenua de meus puros hymnos  
Justo é que hoje coroa de seja.

Aqui a tens, cantora! O cco proteja  
Sempre teus dias de vaivens ferinos!  
Preenchilos por ti altos destinos  
Na scena o vate glorioso seja!

Quando cantas, Rachel, tudo se abala;  
Na tua voz celi-fusa a natureza  
Sempre eloquente ao sentimento falla:

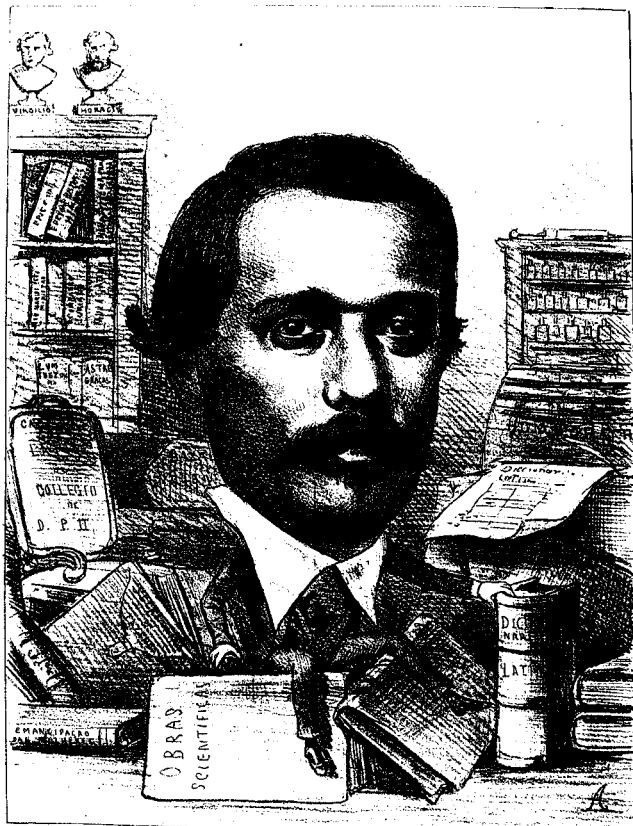
Se ruinha do mundo na grandeza  
Foi Roma, tua patria, para honra-la,  
Tu és no canto divinal princeza.

Aquelle que o cco dotára tão largamente deve a patria um singelo monumento, que lhe perpetue a memoria.

Regrando-lho, cumprirá a cidade de S. Salvador o voto de todos os legitimos cultores das artes e das lettras.

A. B. A.

Typ. do DIARIO DO RIO DE JANEIRO, rua do Ouvidor n. 97.



PANTHEON DA VIDA FLUMINENSE

N. 3

Dr. Castro Lopes